

O SILÊNCIO PERDIDO E O SEGREDO EXPOSTO

Quando a rede arquiva o que ninguém lê

Por Aínor Francisco Loterio

Os tempos atuais, marcados pela falta de silêncio e de atenção plena, criaram um fenômeno paradoxo: os segredos humanos, que antes exigiam confiança e discernimento para serem revelados, agora são postados no mundo virtual de modo organizado e permanente, ficando registrados para sempre, mas o interessado, ou os interessados, não leem.

O silêncio e a atenção plena sempre funcionaram como filtros naturais entre o que merecia ser dito e o que devia permanecer guardado. Quando a pessoa vivia em contato com o silêncio interior, o segredo tinha peso: era ponderado, confiado a poucos, ou preservado como parte legítima da interioridade humana. A ausência desse silêncio rompe o filtro. O sujeito contemporâneo, agitado e sem pausa reflexiva, deixa de decidir o que guardar e passa a descarregar. A rede social torna-se o receptáculo do que antes cabia ao recolhimento e à Pedagogia do Silêncio.

Pontos principais desta reflexão

Primeiro, a perda do silêncio interior retira da pessoa a capacidade de discernir o que deve ou não ser exposto, transformando a intimidade em conteúdo público.

Segundo, o ambiente digital organiza e arquiva essa exposição com uma precisão que a memória humana jamais teve, criando um registro permanente daquilo que antes era confiado à fragilidade da lembrança alheia.

Terceiro, e mais grave, o destinatário verdadeiro dessa revelação, aquele a quem ela de fato interessava, raramente está presente no momento da leitura: a multidão passa os olhos, curte, rola a tela adiante, enquanto o pai, o filho, o cônjuge ou o amigo que precisava ouvir aquilo permanece ausente da tela.

Configura-se assim uma inversão cruel: o que deveria ser dito a alguém em particular, na intimidade que só o silêncio proporciona, é lançado a todos e não chega a ninguém que importe. A pessoa sente-se ouvida por ter postado, mas permanece tão só quanto antes, porque a postagem não é comunicação, é apenas registro. Falta o encontro. Falta a Pedagogia do Silêncio, que ensina a discernir quando calar, a quem dizer, e como esperar o momento certo do diálogo verdadeiro, em vez de entregar o segredo ao arquivo frio da internet, onde fica eternamente exposto e eternamente não lido por quem deveria escutá-lo.

Um exemplo pessoal

Essa reflexão não nasce apenas da observação, mas de uma experiência pessoal recente. Saí de vários grupos do WhatsApp, a maioria formada por familiares, irmãos e colegas de longa data.

Esperava alguma manifestação, uma pergunta, um estranhamento. Nada disso ocorreu: ninguém sentiu, ninguém mencionou. O único a se incomodar foi meu filho mais novo, que, segundo me disse, sente segurança comigo dentro do grupo. Mas entendo que esse incômodo revela menos afeto do que dependência, uma falta de autonomia mais ampla do que se possa perceber à primeira vista.

Ainor Francisco Loterio é engenheiro agrônomo, mestre em gestão de políticas públicas, filósofo e teólogo, criador da Agrosafia.

Contato para palestras, cursos e participações: ainorfloterio@gmail.com | WhatsApp (47) 99967-5010

Para conhecer o autor, acesse: <https://loterio.com.br/#sobre>